Edição 83

CIBER TEOLOGIA

Revista de Teologia & Cultura

MAGNIFICA HUMANITAS

Leone PP. XIV

Artigos *Notas* *Documentos*

ISSN 1809-2888
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

CIBERTEOLOGIA

UM OLHAR SOBRE A IA À LUZ DA FÉ: REFLEXÕES A PARTIR DA *MAGNIFICA HUMANITAS* DO PAPA LEÃO XIV

JOAQUIM JOCÉLIO DE SOUSA COSTA

Resumo: O presente texto traz uma reflexão sobre a inteligência artificial a partir da fé. Recolhe as contribuições da Encíclica *Magnifica humanitas* do Papa Leão XIV sobre a salvaguarda da pessoa humana na era da IA. Em um primeiro momento, alerta para o perigo da IA ser tomada como um novo ídolo que exige sacrifícios no altar do lucro, mostrando como algumas perspectivas a seu respeito podem gerar mais segregação social. Em um segundo momento, apresenta um resumo das reflexões do papa na encíclica. Em um terceiro e último momento, retoma e explicita algumas questões referentes à IA e iluminadas pelas reflexões da *Magnifica humanitas* de Leão XIV. O texto busca denunciar os perigos da IA sem negar seu grande potencial para ajudar na construção da civilização do amor. É preciso que ela seja corretamente orientada para que salvaguarde o que é fundamentalmente humano: a capacidade de amar e ser amado.

Palavras-chave: IA. Encíclica. Papa Leão XIV. Revolução digital. Reino de Deus.

Abstract: This text offers a reflection on Artificial Intelligence from the perspective of faith. It draws upon the contributions of Pope Leo XIV's encyclical *Magnifica humanitas* regarding the safeguarding of the human person in the age of AI. First, it warns against the danger of AI being treated as a new idol that demands sacrifices on the altar of profit, illustrating how certain perspectives on the technology can foster greater social segregation. Second, it presents a summary of the Pope's reflections found in the encyclical. Third and finally, it revisits and elaborates on specific issues concerning AI in light of the insights from Leo XIV's *Magnifica humanitas*. The text seeks to highlight the dangers of AI without denying its immense potential to help build a civilization of love. It must be properly guided so as to safeguard what is fundamentally human: the capacity to love and be loved.

Keywords: AI. Encyclical. Pope Leo XIV. Digital revolution. Kingdom of God.

ISSN 1809-2888
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

Introdução

Uma reflexão que vai ocupar os diversos espaços nos próximos anos será, sem dúvida, o debate sobre inteligência artificial e sobre a revolução digital como um todo. À medida que as novas tecnologias vão se desenvolvendo e transformando nossas vidas numa velocidade nunca antes imaginada, vão surgindo dúvidas e questionamentos muito importantes, sobretudo no âmbito da ética e dos direitos humanos. Nesse sentido, o Papa Leão XIV trouxe uma contribuição muito importante para o debate com sua Encíclica *Magnifica humanitas*. Tal como seu predecessor, Leão XIII, o atual papa tratou de uma das questões fundamentais do seu tempo. No final do séc. XIX, Leão XIII fez uma importante reflexão sobre a Revolução Industrial e como isso estava impactando a vida dos operários. Deixou claro que a vida das pessoas era questão de fé e a Igreja também tinha uma palavra sobre isso. Agora, Leão XIV faz algo na mesma linha. Na era da inteligência artificial, sua encíclica se preocupa em salvaguardar o humano, mostrar que, no meio de tantas mudanças e avanços, o ponto de maior preocupação deve ser a dignidade da pessoa humana. Nesse sentido, nosso texto busca tratar, a partir da fé, algumas das questões levantadas pela IA. Faremos isso, sobretudo, com o auxílio das provocações da encíclica do Papa Leão XIV, destacando, num primeiro momento, o risco de a IA se tornar mais um ídolo contemporâneo; em seguida, apresentando resumidamente as reflexões da *Magnifica humanitas* e, depois, destacando algumas questões iluminadas pela encíclica. O horizonte é sempre o Reino de Deus, isto é, como podemos contribuir para que a IA nos ajude na construção da civilização do amor, sinal deste Reino.

1. Um novo ídolo pode estar surgindo entre nós

As perspectivas sobre a inteligência artificial são altíssimas. É um futuro quase mágico que se espera e cujo desenrolar já estamos acompanhando. A ideia vai desde esperanças utópicas de um melhoramento fantástico do ser humano até medos catastróficos sobre o fim da humanidade e início do domínio das máquinas. Seja lá qual perspectiva se assuma, a IA é inevitável. Ela está aí e se desenvolve cada dia mais. A questão não é se vamos ou não usar IA, mas como faremos isso. E mais. Para onde a orientaremos.

O cientista da computação e empresário taiwanês Kai-Fu Lee, um dos grandes desenvolvedores da IA como a conhecemos, escreveu que "a revolução completa de IA levará um pouco de tempo e nos inundará em uma série de quatro ondas: IA de internet, IA de negócios, IA de percepção e a IA autônoma" (Lee, 2019, p. 131). A primeira e a segunda já estão bem desenvolvidas há um tempo. A IA de internet é aquela capaz de captar as preferências por meio das pesquisas, cliques, tempo em um vídeo ou publicação e faz com que o algoritmo mande mais produtos e postagens

ISSN 1809-2888
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

sobre aquele assunto. Por exemplo, alguém pesquisa sobre viagem de avião. Em pouco tempo, vão aparecer anúncios, vídeos, postagens, promoções etc. A IA de negócios é aquela que reúne vários dados para oferecer soluções mais prováveis e rápidas. Exemplo: sugestão de investimento em finanças, aplicativos que ajudam médicos a realizar diagnósticos a partir de um banco de dados baseado em sintomas de milhares de pacientes, ou mesmo juízes que podem tomar decisões a partir de consultoria de aplicativos que analisam a partir de milhares de casos judiciais anteriores.

A IA de percepção é aquela que permitirá que os aparelhos reconheçam pessoas, objetos e sons. Imaginemos ir ao supermercado e o carrinho de compras nos identificar por meio do toque ou da face e começar a nos indicar o que precisamos comprar. Isso porque não só terá guardado a informação do que já compramos outras vezes, como também pode estar interligado com nossa geladeira e despensa, que passarão a informação do que está faltando e precisamos comprar. A quarta onda é a IA autônoma, que é diferente de serviços automatizados. Estes são executados simplesmente, já a IA autônoma permitirá que as máquinas tomem decisões e improvisem diante de contratempos. Podemos pensar em carros autônomos que param em sinais, desviam de obstáculos, robôs que façam entregas ou serviços simples, ou mesmo robôs que organizam caixotes em grandes armazéns.

A IA vai revolucionar nosso jeito de lidar com o mundo. Isso é um fato. Mas questionamentos fundamentais precisam ser feitos: quem sairá mesmo beneficiado com tudo isso? Que consequências essas transformações trarão para as pessoas mais pobres? Até onde a IA pode ir? Que limites éticos precisam ser colocados? É importante recordar que alguns veem na IA não só uma forma de enriquecer ou simplesmente aumentar a riqueza, mas também de chegar a romper limitações que são propriamente humanas ou, por que não dizer, próprias dos mortais. Há quem sonhe com transumanos ou pós-humanos, e isso pode intensificar ainda mais as discriminações sociais absurdas entre aqueles que são considerados humanos de primeira categoria e os demais, às vezes nem contados como humanos.

Não é a primeira vez que usamos a técnica para dominar e destruir. Muitos avanços na ciência e na medicina recentes vieram de pesquisas desenvolvidas na Segunda Guerra Mundial, justamente com fins bélicos. A IA também pode ter seu potencial corrompido e usado para dominar. Por isso, ela pode se converter em mais um ídolo que exige sacrifícios humanos.

> Essa linguagem e essa argumentação de sacrifícios necessários em nome da realização de promessas paradisíacas, impossíveis para seres humanos comuns, mas possíveis para este "ser" mítico-divino, a IA generativa, fazem parte da construção ou

ISSN 1809-2888
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

> expressão de uma visão mítico-religiosa de um mundo que se considera pós-religião. Na verdade, uma cosmovisão mítico-religiosa com uma linguagem pós-religião-tradicional (Sung, 2026, p. 31).

Mesmo sem menção explícita à religião, a corrida pelo desenvolvimento da IA pode ser mais uma saga religiosa para satisfazer o deus lucro. Dessa vez, com a roupagem da inteligência artificial. Ela parece ser a nova divindade que promete resolver todos os problemas e que, para isso, precisa que alguns sacrifícios sejam feitos. Logicamente, serão os mais pobres novamente a serem ofertados no altar do lucro. Os profetas em Israel já denunciavam essa religiosidade abominável e sem sentido: "Edificaram lugares altos para Baal a fim de queimar seus filhos em holocausto a Baal, o que não lhes havia ordenado nem falado nem jamais me viera ao coração" (Jr 19,5); "mas tu não tens olhos nem coração, a não ser para teu lucro, para derramar sangue inocente e praticar a opressão e a extorsão" (Jr 22,17); "seus príncipes, em seu meio, são como lobos que despedaçam a presa, derramando sangue, aniquilando gente, para aproveitar seus bens" (Ez 22,27).

É bom ter claro que "o deus da idolatria é um deus assassino. Muito é o sangue que se derrama no afã do lucro" (Gutiérrez, 1992, p. 80). E os sacrifícios da IA podem exigir o desemprego de muitos, a submissão de países inteiros, a segregação devido aos melhoramentos genéticos e tecnológicos. "Na origem desses problemas está uma mentalidade tecnocrática e pós-humanista, que tende a considerar a pessoa como um objeto manipulável ou um recurso a ser otimizado, eliminando tudo o que limita a maximização do lucro" (MH 172).

A realidade está cada vez mais semelhante a filmes de ficção, que seriam apenas alertas do que iríamos viver. Sobre esse assunto, recordamos o filme Gattaca, que apresentava uma sociedade em que o Projeto Genoma Humano tinha conseguido não só mapear os genes do corpo humano (o que já foi feito), mas manipulá-los para criar pessoas mais "perfeitas". O filme mostra a segregação social causada, pois, numa entrevista de emprego, por exemplo, não era mais pedido um currículo, mas o mapa do genoma, o qual dizia o quão frágil ou saudável a pessoa era (cf. Gattaca, 1997).

A ideia de transumanismo e pós-humanismo não está longe disso. Por isso, já alerta o Papa Leão que "se o ser humano for tratado como matéria a ser aperfeiçoada ou ultrapassada, é então mais fácil aceitar que alguns sejam considerados menos úteis, menos desejáveis e menos dignos", o que, "em nome do progresso, pode se chegar a imaginar 'sacrifícios necessários' e a fazer com que os mais frágeis paguem o preço de uma suposta otimização da espécie" (MH 117). Precisamos, portanto, sempre defender que todos os seres humanos são importantes e têm o

ISSN 1809-2888
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

seu valor. Trata-se, pois, da "dignidade que pertence a cada ser humano simplesmente porque existe, foi desejado, criado e amado por Deus", ou seja, "nenhum pecado, nenhum fracasso, nenhuma humilhação, nenhuma exclusão pode afetar o valor profundo de uma vida humana que Ele desejou e chamou à existência" (MH 52).

O teólogo Jung Mo Sung chama de guerra espiritual o que se vive também em relação à IA e à revolução digital que a acompanha. Ele denuncia justamente esse perigo da idolatria que acompanha as expectativas sobre esse momento tecnológico que vivemos:

> A guerra espiritual fundamental do nosso tempo e, provavelmente, de todos os tempos é a que divide os que defendem o supremacismo em diversas formas em nome de um Deus, da natureza ou da sua tradição, e os que defendem a igualdade fundamental de todos os seres humanos e, por isso, a opção pelos pobres e oprimidos (Sung, 2026, p. 125).

No debate sobre a IA deve entrar a preocupação com os mais vulneráveis, com os pobres e oprimidos. E todas as áreas do conhecimento podem ajudar para que a IA não seja mais uma tecnologia usada para dominar, mas para melhorar o mundo em que vivemos. A teologia também tem a sua contribuição a dar, pois é clara a convicção de que "a história é um dos lugares onde a Igreja se deixa instruir pelo Espírito Santo sobre a índole humanizante do Evangelho e aprende a ajustar seu ensinamento ao serviço da dignidade de cada pessoa e do bem dos povos" (MH 22). Usar a técnica para construir uma sociedade melhor faz parte da nossa missão de colaborar na ação criadora de Deus. Por isso, não podemos agir passivamente diante dos avanços dessa nova técnica. A partir da fé, temos de colaborar para que a IA gere vida e vida em abundância para todos (cf. Jo 10,10). Nesse momento histórico, precisamos responder adequadamente a partir do Evangelho. Para isso, o Papa Leão XIV chamou atenção na sua encíclica. E sobre ela nos debruçaremos agora.

2. A reflexão da *Magnifica humanitas* do Papa Leão XIV

O papa inicia afirmando que a magnífica humanidade está diante de dois paradigmas que ele ilustrou a partir da imagem da Torre de Babel e da reconstrução de Jerusalém. A Igreja está disposta a contribuir com todas as iniciativas que visam construir um mundo mais justo e chama todos a colaborar na promoção do desenvolvimento humano integral.

Afirma estar na esteira do seu predecessor Leão XIII, que entendeu que o anúncio do Evangelho não pode esquecer a vida concreta das pessoas. A doutrina social da Igreja, portanto,

ISSN 1809-2888
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

não é um conjunto de conceitos estáticos, mas um *corpus* vivo de verdades que busca levar a humanidade a uma vida plena e justa. É preciso olhar as coisas novas de nosso tempo e como a técnica, apesar de ter melhorado muito a qualidade de vida das pessoas, também desenvolveu um grande potencial de causar muitos danos. É preciso questionar quem domina a técnica e a que fins a orienta. Se antes tal controle estava no Estado, hoje está em mãos privadas, geralmente transnacionais.

O papa explica os dois paradigmas propostos para entender nossa relação com a revolução digital em curso: a imagem da Torre de Babel, que representa o orgulho, o fechamento em si e a uniformidade; e a imagem da reconstrução dos muros de Jerusalém como expressão da união, trabalho em comum e vivência da fraternidade. Leão XIV lembra que a técnica não é boa nem má em si, mas também não é neutra, porque tem o rosto de quem a concebe, financia, regula e utiliza. Ele insiste que é preciso edificar no bem, o que significa edificar em Deus, aceitando os limites e fragilidades humanas, bem como uma corresponsabilidade corajosa e uma linguagem evangélica.

Na era da IA, quando a dignidade humana corre o risco de ser ofuscada, devemos permanecer profundamente humanos. O papa convoca a não ter medo de sujar as mãos no canteiro de obras de nosso tempo, onde as pedras rejeitadas, os pobres e pequenos, se tornam as pedras angulares.

2.1 UM PENSAMENTO DINÂMICO FIEL AO EVANGELHO

No cap. 1, o papa quer percorrer resumidamente o caminho da Doutrina Social da Igreja ao longo do tempo, mostrando seu caráter dinâmico. Antes de falar das contribuições de cada momento, Leão afirma ser necessário esclarecer algumas convicções fundamentais sobre a presença da Igreja na história e sua relação com o mundo para não dar a entender que ela esteja se envolvendo no que não lhe compete. A Igreja que caminha na história reconhece nos desafios do tempo atual o lugar para viver sua vocação. Defende a autonomia e o desenvolvimento próprio das realidades políticas e não pretende substituir o Estado, mas sua intervenção se dá por caridade evangélica que, como o bom Samaritano, visa sarar as feridas da humanidade. A história é um dos lugares em que a Igreja se deixa instruir pelo Espírito Santo e aprende a ajustar seu ensinamento ao serviço da dignidade de cada pessoa e dos povos. A reflexão social da Igreja se dá em profundo diálogo com outros saberes, como a filosofia e as ciências humanas e sociais. O papa defende que a verdade é um dom a ser partilhado, não algo a ser possuído e dominado. Nesse sentido, a Doutrina Social da Igreja não é um manual de princípios e normas para se aplicar, mas é um caminho de discernimento comunitário.

ISSN 1809-2888
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

A seguir, o papa passa a apontar as linhas essenciais do ensinamento de seus predecessores no campo social, destacando como essa reflexão visava responder às situações históricas e questões de cada momento. Leão começa esclarecendo que a Doutrina Social não nasceu do nada, mas brota da Escritura e da Tradição da Igreja. Leão XIII, com a *Rerum novarum*, assumiu como lugar de missão pastoral da Igreja as situações sociais e econômicas de seu tempo. Seus dois grandes contributos foram o primado do trabalho humano sobre lógicas produtivas e o vínculo indissociável entre o Evangelho e a busca de uma ordem social justa. A *Quadragesimo anno* de Pio XI traz três contribuições principais: as injustiças também dizem respeito às estruturas econômicas e institucionais; o valor do princípio da subsidiariedade, e a ligação entre dignidade do trabalho, justa remuneração e possibilidade real das famílias terem vida decorosa. Já as mensagens radiofônicas do Papa Pio XII trouxeram três orientações básicas: o direito deve preceder os interesses; as disparidades econômicas são terreno para tensões e violência; o valor de um tecido associativo que gere diálogo entre indivíduo e Estado.

O Papa João XXIII alargou bastante a Doutrina Social, tanto com a *Mater et Magistra* como com a *Pacem in Terris* (primeiro documento dirigido não só aos fiéis). Ele trouxe o horizonte universal em seus apelos, bem como a referência aos direitos humanos como gramática comum e a convicção de que a paz duradoura requer instituições e relações pautadas na dignidade humana. O Concílio Vaticano II contribuiu não só com temas fundamentais, mas com um método que convida a ler as transformações históricas com um olhar evangélico e competência humana, mostrando que o diálogo com o mundo é a forma concreta de exercer sua missão. O Papa Paulo VI ajudou a entender que paz não se reduz à ausência de guerra. Na *Populorum progressio*, destacou que a paz verdadeira só vem com o desenvolvimento humano integral, ou seja, com a passagem de condições de vida menos humanas a condições mais humanas. Na *Octogesima adveniens*, ele levou essa reflexão para o contexto da sociedade pós-industrial, cheia de transformações no mundo do trabalho e da cultura, onde surgem novas formas de pobreza. Ele ensina que o Evangelho, a partir dos marginalizados, deve avaliar as estruturas econômicas e políticas.

João Paulo II, com a *Laborem exercens,* traz uma reflexão sobre o trabalho e o salário justo como medida da equidade do sistema socioeconômico. Na *Sollicitudo rei socialis*, fala do fracasso das muitas tentativas de sanar o atraso econômico dos povos pobres e denuncia os mecanismos econômicos dos países mais fortes que sufocam as economias dos países menos desenvolvidos. Na *Centesimus annus*, reflete o mundo após o colapso soviético e sobre o afastar-se da economia de mercado. Ele defende a democracia como forma de participação efetiva dos cidadãos;

ISSN 1809-2888
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

reconhece o potencial do mercado e da iniciativa privada, desde que permaneçam subordinados à lei moral e ao princípio de solidariedade. Bento XVI, na *Caritas in veritate*, expressa que o desenvolvimento, a justiça, as instituições e o mercado não são neutros, mas espaços onde a caridade na verdade precisa assumir sua forma histórica.

Francisco desenvolveu sua reflexão social muito na linha do Concílio, convidado a olhar a história a partir das feridas e esperanças, dialogando com o Evangelho; daí sua insistência numa Igreja sinodal que lê os sinais dos tempos à luz do Evangelho e se deixa evangelizar pelos pobres. Na *Laudato si'*, ele faz a primeira grande elaboração sistemática da crise ambiental, unindo o cuidado com a Casa comum e a opção preferencial pelos pobres na ideia de ecologia integral. Na *Fratelli tutti*, apresenta o sonho de uma humanidade que opte pela amizade social e fraternidade universal. Na *Dilexit nos*, mostra que a melhor resposta ao amor do coração de Jesus é o amor concreto pelos irmãos.

2.2 FUNDAMENTOS E PRINCÍPIOS DA DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA

No cap. 2, o Papa Leão XIV busca apresentar alguns fundamentos e princípios da Doutrina Social da Igreja que ajudam a interpretar as coisas novas do nosso tempo à luz da dignidade humana. Faz isso para ajudar os fiéis a encarnar o amor de Deus na trama concreta da história. O primeiro fundamento é que o ser humano é criado à imagem e semelhança do Deus trinitário. Aqui reside sua dignidade, que precede e ultrapassa quaisquer capacidades, riquezas, escolhas certas ou erradas. O segundo fundamento é a igual dignidade de todos os seres humanos, ou seja, as pessoas não valem por supostos méritos baseados em eficiência e melhor desempenho ou por aquilo que realizam e produzem, mas pelo simples fato de serem pessoas. Essa dignidade deve ser entendida em seu sentido moral (orientação de escolhas e ações), social (condições de vida), existencial (percepção de seu valor e do valor da vida) e ontológica (seu valor vem do fato mesmo de existir e ser amada por Deus). O terceiro fundamento é o altíssimo valor dos direitos humanos, que não são um acréscimo à pessoa, mas tradução histórica da sua dignidade intrínseca. Há dois grandes riscos quanto aos direitos humanos: o reconhecimento meramente formal e o não reconhecimento do fundamento de sua universalidade. Por isso, é preciso também assumir a igual dignidade de homens e mulheres, não só em palavras, mas por meios concretos de sua efetivação na sociedade.

A seguir, o Papa Leão XIV apresenta alguns princípios da Doutrina Social da Igreja. O primeiro é o do bem comum. Este não consiste na mera soma dos bens individuais, pois o todo é superior às partes. Embora cada indivíduo deva colaborar com o bem da sociedade, é preciso

ISSN 1809-2888
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

uma rede de colaboração que busque o bem de todos. O Estado deve trabalhar para isso, equilibrando os bens particulares e os da coletividade, sem deixar jamais para trás os mais fracos. Isso se dá também no plano internacional, que deve respeitar os direitos dos povos e buscar o bem de todos. O segundo princípio citado é o da destinação universal dos bens, que reza que os bens desse mundo são dons de Deus para todos e ninguém pode se apropriar deles exclusivamente para si. A propriedade privada é um direito, mas nunca absoluto e intocável, pois sempre é subordinado a essa destinação universal. E, dentre esses bens a serem partilhados, hoje, podemos citar as patentes, algoritmos, plataformas digitais, infraestruturas tecnológicas e dados.

O terceiro é o princípio da subsidiariedade, ou seja, o que as famílias, comunidades e instâncias intermediárias podem fazer, que não seja absorvido pelas instâncias superiores. Estas devem antes salvaguardar a liberdade e autonomia daquelas. Assim, as pessoas podem participar das decisões que regem suas vidas, sem ter de simplesmente aceitar o que vem de instâncias superiores. No campo digital, estas instâncias não são o Estado, mas os sujeitos econômicos que exercem poder real sobre as condições de vida em comum. Os diversos grupos devem participar da gestão, auditorias e determinação das regras das diversas plataformas tecnológicas. O quarto princípio, o da solidariedade, afirma que cada um se sente responsável pelos outros, rompe a indiferença e, conscientemente, é capaz de transformar laços inevitáveis (econômicos, culturais, tecnológicos) em oportunidades de partilha e cuidado recíproco, pensando em termos de comunidade. Por fim, o papa cita o princípio da justiça social, que é uma forma concreta de seguir Jesus e de fidelidade ao Evangelho. A justiça não toca só os indivíduos, mas também as estruturas e a forma como são pensadas e organizadas. Ela exige que se olhe para os povos a partir dos mais vulneráveis. Além disso, as injustiças não são causadas só por indivíduos, mas também por estruturas, mecanismos e sistemas que produzem desigualdade.

A justiça também é reparadora, recompõe relações destruídas, reintegra grupos socialmente excluídos, busca curar a memória coletiva, combater leis discriminatórias. É preciso cuidar para que a justiça social se aplique às novas tecnologias, que não podem excluir certos grupos ou ser usadas para manipular, coletar dados de forma indevida, semear preconceitos ou desinformação. Especial destaque merecem os migrantes na busca pela justiça social, pois a eles deve ser assegurada tanto a esperança de integração na nova pátria, como a paz de permanecer em sua própria terra.

Em seguida, o papa fala sobre o desenvolvimento humano integral, isto é, todos os âmbitos da existência devem ser desenvolvidos e para todas as pessoas. No centro do desenvolvimento deve estar a pessoa, não o lucro. Não é humano o desenvolvimento que degrada ecossistemas,

ISSN 1809-2888
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

comunidades vulneráveis e torna insustentável o futuro das próximas gerações. Nesse sentido, é preciso se perguntar se a inteligência artificial e demais tecnologias contribuem para que as pessoas e povos cresçam em humanidade e fraternidade, no respeito à Casa comum e às gerações futuras.

Por fim, Leão XIV lembra que esses princípios são, antes de tudo, um exame de consciência para a própria Igreja. A subsidiariedade deve ser vivida na comunidade eclesial, onde as instâncias de participação sejam reais e não nominais; onde haja processos de transparência, prestação de contas e avaliação. A Eucaristia celebrada deve gerar solidariedade e partilha entre os fiéis. A justiça social precisa ser aplicada nas relações e estruturas da Igreja, por exemplo, no combate às várias formas de abuso.

2.3 TÉCNICA E DOMÍNIO: A GRANDEZA DA PESSOA HUMANA PERANTE AS PROMESSAS DA IA

O cap. 3 foca em alguns desafios sobre nossa forma de viver neste tempo. O papa começa falando sobre o paradigma tecnocrata e o poder digital. Tal paradigma, já denunciado pelo Papa Francisco, consiste em deixar que a lógica da eficiência, do domínio e do lucro governe as escolhas pessoais e sociais. Isso leva ao risco de "ter mais" em vez de "ser mais". A técnica, que está nas mãos de grandes sujeitos econômicos e tecnológicos, acaba muitas vezes fugindo do controle. Por isso, os princípios da Doutrina Social tornam-se critérios para avaliar e discernir, para verificar se a técnica garante a participação e responsabilidade de todos, protegendo os mais frágeis.

A seguir, o papa fala propriamente sobre a inteligência artificial. O que deseja é apenas apresentar alguns elementos para um discernimento moral e social que salvaguarde o primado da pessoa. O papa inicia afirmando que qualquer afirmação sobre a IA corre o risco de ficar ultrapassada devido à velocidade de suas mudanças, e sabemos muito pouco sobre seu funcionamento efetivo. Essa inteligência não pode ser comparada com a humana, embora se assemelhe em alguns aspectos. Ela trabalha com dados e pode até "aprender", mas não vive experiências, sentimentos nem tem senso moral. Não se pode ignorar também que a IA reflete os parâmetros culturais de quem a concebeu e treinou. Ela tem forte impacto ambiental, pois demanda grandes centros de dados, grande consumo de água e de energia, bem como emissão de dióxido de carbono. A IA não é neutra e, por vezes, acaba por reforçar os estereótipos e posições ideológicas de quem a projeta e treina. Não é possível confiar ao algoritmo que decida se alguém merece ou não algo, pois ele acaba gerando mais exclusão. Deve estar claro que essa tecnologia precisa

ISSN 1809-2888
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

prestar contas e tem que estar evidente a quem cobrar. Ela tende a reforçar o poder de quem já tem recursos econômicos. Ela também tem interferências na geopolítica, e isso não pode ser ignorado. O papa então diz que é preciso desarmar a IA, livrá-la da lógica de competição armada, que não é só militar, mas também econômica e cognitiva. É tirá-la do monopólio e torná-la discutível.

É preciso salvaguardar o humano. Para isso, uma de suas dimensões, a inteligência, não pode ser supervalorizada em detrimento do afeto, vontade, dedicação e relação. O papa chama a atenção para os riscos de projetos como o transumanismo e o pós-humanismo. O primeiro visa um aperfeiçoamento humano por meio da técnica; o segundo critica o antropocentrismo e visa uma hibridação entre humano, máquina e ambiente. Nessa lógica, pode-se chegar a pensar que alguns sacrifícios dos mais frágeis podem ser necessários para o aperfeiçoamento da espécie. Precisamos deixar de entender a fragilidade humana como algo ruim. Também podemos aprender com ela. O papa lembra que a humanidade, embora possa produzir muita coisa ruim, também criou muita coisa boa. Recorda instituições e pessoas que fizeram a diferença, como os mártires da fraternidade e da justiça, como São Maximiliano Maria Kolbe, São Oscar Romero e o beato Enrique Angelelli.

A fé cristã sempre falou que o ser humano pode transcender a si mesmo, não para fugir da realidade ou dos seus limites, mas para se realizar no amor. Sendo assim, a questão da técnica não traz a alternativa entre entusiasmo e medo, mas entre um progresso que serve às pessoas e aos povos e um progresso que os submete à lógica de poder.

2.4 SALVAGUARDAR O HUMANO NA TRANSFORMAÇÃO: VERDADE, TRABALHO, LIBERDADE

No cap. 4, o papa se detém nos âmbitos onde há repercussões mais concretas e dramáticas das novas tecnologias. Leão XIV então passa a falar sobre verdade e democracia e como as informações das redes interferem no modo como as pessoas veem o mundo e agem nele. É desafiante educar para o uso da IA; saber, inclusive, quando não a utilizar. É preciso proteção contra as várias formas de abuso e dependência, sobretudo quando se trata de crianças e vulneráveis. A educação não pode ser apenas transmissão de informações, mas também deve levar à reflexão.

No campo do trabalho, o papa recorda como sempre a Igreja lutou pela dignidade dos trabalhadores e apresenta os novos desafios na era da IA. O desejo de produtividade acaba exigindo que as pessoas assumam o ritmo das máquinas ou sejam escanteadas. É verdade que a IA pode assumir atividades mais pesadas, desgastantes e arriscadas para as pessoas, mas estas não podem ficar desempregadas; igualmente precisam de acesso a formação contínua e transições

ISSN 1809-2888
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

profissionais; é fundamental também tomar como indicadores de sucesso empresarial a qualidade e dignidade do trabalho. O PIB também não pode ser o principal critério para medir o desenvolvimento nacional; também devem ser levadas em conta as condições concretas de vida das pessoas. A política deve garantir que as novas tecnologias cheguem a todos, não permitindo que se criem novas desigualdades estruturais.

A seguir, o Papa Leão fala sobre a liberdade a partir da revolução digital. Fala sobre o cuidado para que as informações transmitidas não sejam usadas para dominar as consciências. Esse perigo parte da consideração da pessoa como um objeto manipulável e a ser otimizado. O papa lembra quantas pessoas, especialmente jovens mulheres, trabalham no longo processo de transmissão de dados para se ter acesso à IA, ou mesmo aquelas que trabalham na extração de terras raras e outros minérios para a construção dos processadores. Afirma a necessidade de combater as novas formas de escravatura e pede perdão pelo fato de a Igreja ter demorado tanto tempo para condenar toda forma de escravidão. O colonialismo hoje não domina apenas os corpos, mas se apropria de informações, transformando a vida das pessoas em dados a serem explorados. Leão fala então de responsabilidade partilhada para que instituições, empresas, corpos intermediários e comunidades possam estar envolvidos nesse processo, garantindo a responsabilidade e a sobriedade para gerar o desenvolvimento humano integral e combater toda forma de exclusão e domínio.

2.5 A CULTURA DO PODER E A CIVILIZAÇÃO DO AMOR

No cap. 5, o Papa Leão XIV fala sobre cultura do poder e a civilização do amor. Destaca a questão da guerra na era da IA. A revolução digital está mudando a gramática dos conflitos. O papa retoma a intuição de Paulo VI na época da Guerra Fria ao falar de civilização do amor, que é a caridade em estruturas de justiça, é dar um corpo institucional à fraternidade que considera o outro um aliado na construção do bem comum. A IA não deve simplesmente nos tornar mais eficientes, mas ajudar a edificar a família humana. A cultura do poder leva a valorizar o domínio se há os meios e condições para tal. Há uma perda de memória histórica sobre os grandes erros cometidos. A mídia também pode aumentar as polarizações e criar narrativas simplistas que justifiquem os conflitos. O papa lembra que foi superada a teoria da "guerra justa". É preocupante a crescente corrida armamentista e a busca de perpetuação de conflitos. A IA e seu uso nos conflitos levantam o problema de agir como se os cálculos de uma máquina pudessem julgar melhor entre o bem e o mal do que um ser humano. Afinal, o juízo moral não se reduz a um cálculo. A IA não tira a desumanidade da guerra, só a torna mais impessoal. Ressurge a tentação

ISSN 1809-2888
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

de criar uma identidade coletiva inventando um inimigo, assumindo a posição de vítima com direito à vingança.

O papa então aponta que, a partir do Ressuscitado e do horizonte do Reino de Deus, podemos fazer a diferença no mundo. E, a partir de diferentes âmbitos, propõe cinco pistas de responsabilidade cotidianas que podem ajudar nesse caminho para construir a civilização do amor. A primeira é desarmar as palavras, cuidar de uma comunicação sem preconceitos e violência, sabendo aconselhar, denunciar as injustiças e dar voz a quem não tem. A segunda é construir a paz na justiça, pois paz não é ausência de conflitos a todo custo, mas a busca da justiça. A terceira é assumir o olhar das vítimas, isto é, tomar partido pelos violentados, tocar a carne sofrida, escutar suas histórias e reconhecer suas feridas. A quarta pista é cultivar um saudável realismo, ou seja, nem cair num idealismo que seleciona e distorce os acontecimentos, nem num realismo que se rende ao poder que domina, achando que deve ser assim. E a quinta é revitalizar o diálogo, pois é o caminho para a paz; e as religiões podem contribuir muito para isso, inclusive, o papa lembra que usar o nome de Deus para justificar a guerra é ferir a própria religião. Nesse caminho, o Leão também defende a diplomacia e o multilateralismo, valorizando as iniciativas da ONU, embora veja necessidade de sua reestruturação. Ele lembra também a importância de sempre rezar por uma paz desarmada e que desarma.

Em sua conclusão, o papa recorda a fé na encarnação do Verbo e mostra como é esse jeito de assumir a fragilidade da humanidade o critério para pensar o futuro dela; o ser humano é chamado a ser colaborador da criação, não mero espectador. Lembra a caridade a partir da convicção de que somos um único corpo de Cristo; assim, a Eucaristia deve gerar em nós a busca da justiça, da partilha e o cuidado com os marginalizados. O papa insiste na esperança de trabalhar no canteiro de nosso tempo, retomando a imagem de Neemias e a reconstrução da muralha de Jerusalém como paradigma da sociedade construída a partir da colaboração e busca do bem comum. Por fim, o papa recorda a oração do *Magnificat*, onde Maria canta a queda dos poderosos e elevação dos humildes, mostra que Deus é da parte dos últimos e que a história deve ser vista da ótica dos pequenos. Nesse sentido, lembra que a era da IA pode ser uma etapa onde o Espírito faz amadurecer a civilização do amor.

3. Perspectivas sobre a IA à luz da Encíclica

O Papa Leão XIV não pretendeu abordar todas as questões envolvendo IA nem realizar um aprofundamento sobre nenhuma delas. O que quis foi mostrar como precisamos tratar a IA a partir da fé com o objetivo de salvaguardar a pessoa humana, pois ela tem uma dignidade única

ISSN 1809-2888
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

que lhe foi dada por Deus. E a defesa dessa dignidade humana deve estar sempre unida ao cuidado com a Casa comum, a criação do nosso Deus. Para explicitar melhor isso, destacaremos neste último tópico, algumas questões e perspectivas sobre a IA que a encíclica nos ajuda a iluminar.

3.1 UTOPIAS E DISTOPIAS SOBRE A IA

Quando falamos em inteligência artificial, pairam na cabeça de muita gente realidades muito semelhantes às que são apresentadas em séries como *Black Mirror*, em que consciências de pessoas são transferidas para máquinas, robôs semelhantes a humanos substituem alguém falecido, assumindo o mesmo aspecto e jeito dessa pessoa, pontos eletrônicos na cabeça que permitem projetar memórias numa tela para outros verem, um mundo em que o real está cada vez mais misturado com o virtual (cf. Black Mirror, 2026). Embora muito do que é apresentado em séries assim seja possível de acontecer, muita coisa ainda é apenas fantasia ou talvez nunca venha de fato a se realizar. O fato é que, tratando-se de IA, corremos o risco de cair nesses dois extremos: ou a imaginamos como uma utopia capaz de salvar a humanidade ou como uma distopia capaz de destruí-la.

E esses extremos não vêm apenas de pessoas alheias à ciência da computação, mas de cientistas que estão profundamente envolvidos no assunto. Alguns sonham que a IA pode trazer a imortalidade do ser humano, superando totalmente as suas limitações. Ideias assim vêm de projetos como o transumanismo ou como o pós-humanismo. Já outros pensam em algo como "a inteligência geral artificial (AGI) – máquinas pensantes com a capacidade de realizar qualquer tarefa intelectual que um ser humano pode fazer – e muito mais" (Lee, 2019, p. 169); outros falam até em algo mais avançado, "'a singularidade', ou superinteligência artificial, esse futuro envolve computadores cuja capacidade de entender e manipular o mundo supera a nossa" (Lee, 2019, p. 169), chegando até a decisão de que não precisarão mais de nós. Seria a ideia de que a IA poderia se autorregular e reproduzir a ela mesma, achando que o ser humano não seria mais necessário ou mesmo que atrapalhasse o seu desenvolvimento.

Contudo, a maioria dos estudiosos parece caminhar em outra direção. Sem esses sonhos quase fictícios, nem esses pesadelos absurdos. Inclusive, muitos cientistas partem do princípio de que o ser humano não é capaz de criar uma realidade mais complexa do que ele próprio. Contudo, a IA pode sim mudar muito as nossas vidas, mesmo que não da forma tão fantástica como alguns imaginam. E isso precisa ser levado a sério. Kai-Fu Lee, por exemplo, afirma que a IA trará sim uma grande crise. "Essa crise não terá o drama apocalíptico de um sucesso de bilheteria de Hollywood, mas, mesmo assim, vai destruir nossos sistemas econômicos e políticos e até chegar a questionar o que significa ser humano no século XXI" (Lee, 2019, p. 173).

ISSN 1809-2888
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

É importante enfatizar que "não há e não será possível haver uma criação humana ou criada por uma super-IA que seja onipotente e, ao mesmo tempo, que não crie problemas novos que seriam resultados das soluções anteriores" (Sung, 2026, p. 26). Dar muito poder à IA, melhor, aos grupos que a programam e controlam, pensando que ela resolverá os nossos problemas, só os intensificará. Precisamos ter clareza sobre qual perspectiva defender com todas as forças: "Apostamos que a IA pode levar uma elite à condição pós-humana e assim justificam-se os sacrifícios de vidas de setores pobres e 'inferiores' da humanidade"; ou, o que é mais lógico a partir da fé, "apostamos que somos todos iguais e que nenhuma promessa ilusória justifica sacrifícios de tantas pessoas do mundo e do meio ambiente" (Sung, 2026, p. 34). Sobre isso, o Papa Leão já alertou que "os atuais sistemas de IA requerem grandes quantidades de energia e água, têm um impacto significativo nas emissões de dióxido de carbono e consomem recursos de forma intensiva" (MH 101). Por isso, o preço para a Casa comum já está sendo muito alto.

Sem falar que, quando se trata do aperfeiçoamento do ser humano, é preciso distinguir entre os conhecimentos que melhorarão as condições de vida de todos, inclusive dos mais pobres, e a busca absurda por perfeição que só chegará para uma elite muito rica. "A imaginação de uma vida humana imortal ou de uma sociedade sem nenhuma forma de imperfeição se localiza entre a esfera do limite da realidade natural e a esfera do pensamento lógico" (Sung, 2026, p. 112), por isso, é um absurdo a ser procurado. Nesse debate, entram as ideias, já mencionadas anteriormente, sobre o transumanismo e o pós-humanismo. Elas

> incluem em si uma pluralidade de correntes e sensibilidades, sendo difícil dar uma descrição unívoca deles. Podem ser comparados a um conjunto de ilhas conceituais diferentes, mas ligadas pelo mesmo mar de pressupostos: a centralidade da tecnologia e o sonho de ultrapassar os limites da condição humana (DH 116).

Enquanto o transumanismo visa aperfeiçoar o ser humano, o pós-humanismo visa superar a centralidade da pessoa, criando uma espécie de hibridação entre ser humano, máquina e ambiente. Com essas ideias, em vez de melhorar as condições de vida da maioria das pessoas, podemos gerar novas formas de eugenia e discriminação racial, a partir das quais as novas segregações não serão por causa da cor da pele ou pela origem nacional, mas pelo aperfeiçoamento do corpo e da mente.

3.2 EVOLUÇÃO OU REGRESSÃO DA INTELIGÊNCIA HUMANA

Biologicamente, talvez o ser humano esteja entre os seres mais frágeis. Enquanto alguns filhotes conseguem sobreviver sem os pais logo após nascerem, o ser humano anda longe disso.

ISSN 1809-2888
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

Vários bichos têm garras, chifres, presas fortes, caudas, carapaças, pelos grossos ou outros mecanismos naturais de sobrevivência. O ser humano não tem nada disso. Mas, devido à sua inteligência avançada, ele foi desenvolvendo ferramentas para suprir essas limitações naturais. Isto é, ele criou tecnologias ao longo do tempo: machadinhas, lanças, roupas, casas, carruagens, sistemas hídricos, tratores, máquinas de escrever, computadores, celulares, IA.

Em princípio, não há nenhum problema em usufruir da técnica, já que ela foi criada para suprir nossas limitações; ela busca facilitar nossas vidas. E nós usamos tecnologia o tempo todo, desde o celular ou computador até óculos ou talher. Desde utensílios mais simples até os mais complexos, a técnica inunda nosso dia a dia. Contudo, precisamos avaliar como a estamos usando. Isso vale para tudo. Uma faca pode facilitar a preparação dos alimentos, bem como pode ser usada para tirar a vida de alguém. Assim, a IA pode representar tanto uma evolução como uma regressão na inteligência humana. Ela pode nos poupar tempo desnecessário fazendo relatórios chatos ou pesquisas intermináveis, pode corrigir a gramática de nossos textos ou sugerir melhorias que enriquecerão nosso conhecimento. Isso é ótimo. Mas também pode nos tornar dependentes, pode nos fazer esquecer a responsabilidade por escrever um texto autêntico ou ler obras importantes em vez de resumos por ela criados com os pontos que seus dados consideraram mais relevantes. O tempo de tela está, inclusive, deixando todos nós mais desatentos.

O tédio é muito importante para o pensamento criativo. Mas nós não nos permitimos mais ficar entediados, pois as tarefas mais simples são acompanhadas de telas, como varrer uma casa, caminhar, lavar pratos, ir ao banheiro ou assistir à TV. Sim, inclusive, muitas produtoras de séries e filmes estão baixando a complexidade dos discursos e falas para que as pessoas possam assistir à TV e mexer no celular ao mesmo tempo. Estamos mais esquecidos, menos atentos, vivemos menos os momentos e mais o virtual. Por isso, o Papa Leão insiste que, no contato com a IA, "o risco não é tanto que uma pessoa acredite estar falando com outra, mas que perca o desejo de procurar verdadeiramente o outro" (MH 100). Desse modo, afirma que

> Na era da inteligência artificial, em que a dignidade humana corre o risco de ser ofuscada por novas formas de desumanização, temos o dever urgente de permanecer profundamente humanos, salvaguardando com amor essa magnífica humanidade, que nos foi plenamente dada e manifestada em Cristo, e que jamais alguma máquina poderá substituir no seu esplendor (MH 15).

Não podemos deixar de aproveitar o que nos torna mais humanos. Os contatos, os momentos juntos, observar a natureza sem ser por uma tela ou sem ter que postar depois. Essas coisas

ISSN 1809-2888
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

simples vão fazer toda a diferença para nossa saúde mental em bem pouco tempo. É preciso repensar nosso estilo de vida para permanecermos cada vez mais humanos. E, sobre isso, levanta-se outro debate: quem determina nosso jeito de viver? A verdade é que "os conteúdos que circulam nos ambientes digitais influenciam o modo como as pessoas percebem o mundo, introduzindo na consciência coletiva imagens e narrativas que orientam os desejos e influenciam as escolhas cotidianas" (MH 135). E nem sempre paramos para pensar nisso ou refletir sobre os conteúdos que nos chegam, porque somos bombardeados por vários deles.

Inclusive, é curioso que algumas empresas estejam escaneando milhares de livros, até os raros, e destruindo os originais logo em seguida. É um processo perigoso porque, se no futuro só restarem livros virtuais, sem as versões impressas para comparação, quem garante que os textos e informações das telas correspondem ao conteúdo original? A manipulação do conhecimento será muito maior. Coisas assim devem chamar nossa atenção e provocar uma séria reflexão.

Temos então de ter clareza de que a IA, assim como qualquer tecnologia ou desenvolvimento científico, não tem neutralidade. "Na teoria, em si mesma, ela não é uma solução para os problemas da humanidade, assim como não é, em si mesma, um mal; todavia, na prática, não é neutra, porque tem o rosto daqueles que a concebem, financiam, regulam e utilizam" (MH 9). Daí surgem ameaças menos evidentes, "quando os sistemas de IA, apresentando-se como neutros e objetivos, refletem e reforçam estereótipos ou posições ideológicas daqueles que os projetaram e treinaram" (MH 102). Assim, "daqui decorre uma consequência simples, mas imperiosa: não podemos considerar a IA moralmente neutra. Na realidade, todo o artefato técnico traz consigo escolhas e prioridades: o que mede, o que ignora, o que otimiza e a forma como classifica pessoas e situações" (MH 104).

Por essa razão, a IA e o conjunto da revolução digital devem ser pensados não a partir dos critérios do mercado, da ideia do lucro ou aperfeiçoamento de uma elite. Os critérios não podem ser aqueles determinados pelos poderosos do Vale do Silício, das big techs estadunidenses ou chinesas. Essas tecnologias "devem ser avaliadas a partir de uma pergunta decisiva: contribuem realmente para que as pessoas e os povos cresçam em humanidade e fraternidade, no respeito pela Casa comum e pelas gerações futuras?" (MH 85). A preocupação primeira tem que ser em preservar o humano e a criação inteira. A IA deve melhorar a vida de todas as pessoas, não simplesmente tentar reproduzir e aprimorar algumas. Inclusive, por mais avançadas que sejam, nunca serão propriamente pessoas. Sobre isso, vale a pena destacar esta longa citação do Papa Leão:

ISSN 1809-2888
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

> As ditas inteligências artificiais não vivem uma experiência, não possuem um corpo, não passam pela alegria e pela dor, não amadurecem nas relações, não conhecem internamente o que significa amor, trabalho, amizade, responsabilidade. Nem sequer possuem consciência moral: não julgam o bem e o mal, não captam o sentido último das situações, não assumem sobre si o peso das consequências. Podem imitar linguagens, comportamentos, avaliações, podem simular empatia ou entendimento, mas não compreendem o que produzem, porque não penetram o horizonte afetivo, relacional e espiritual no qual o ser humano se torna sábio. Ainda que esses instrumentos sejam apresentados como capazes de "aprender", a sua forma de o fazer é diferente da do ser humano. Não se trata da experiência de quem se deixa moldar pela vida e cresce ao longo do tempo através de escolhas, erros, perdão e fidelidade; trata-se, antes, de uma adaptação estatística a partir de dados e resultados, que pode ser muito eficaz, mas não implica um crescimento interior (MH 99).

3.3 A IA DENTRO DAS LÓGICAS DE PODER

Kai-Fu Lee, um dos maiores desenvolvedores da IA e hoje CEO da Sinovation Ventures, escreveu que "nossas capacidades atuais de IA não podem criar uma superinteligência que destrua nossa civilização. Mas meu medo é de que nós, seres humanos, podemos ser mais do que capazes de realizar essa tarefa" (LEE, 2019, p. 173). E é esse perigo que precisa ser avaliado com o desenvolvimento da IA, sobretudo no que se refere ao monopólio de poder econômico e político e às altas taxas de desemprego que podem vir com a IA. Segundo Lee (2019, p. 196), "veremos um grupo maior de trabalhadores desempregados competindo por um conjunto ainda menor de empregos, reduzindo os salários e forçando muitos a trabalhar em meio expediente ou na 'economia informal', que carece de benefícios". Ele admite que, "se não for controlada, a IA aumentará drasticamente a desigualdade internacional e nacionalmente. Vai criar uma divisão entre as superpotências de IA e o resto do mundo" (Lee, 2019, p. 201).

Nesse sentido, o Papa Leão XIV já afirmou que "tal como acontece com qualquer grande avanço tecnológico, a IA tende a reforçar sobretudo o poder daqueles que já dispõem de recursos econômicos, competências e acesso aos dados" (MH 108). Sendo assim, duas atitudes são necessárias: primeiro, "discernir como a revolução tecnológica da IA está sendo articulada com a dinâmica econômico-social capitalista atual e com as relações políticas nacionais e geopolíticas internacionais"; e, seguindo, "perceber e ver as novas forças de resistência e de vida que estão germinando e crescendo entre nós" (Sung, 2026, p. 105).

ISSN 1809-2888
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

Quanto a essas forças de resistência, é pertinente a observação feita pelo papa de que "as pedras rejeitadas – os pobres, os doentes, os migrantes, os pequenos – se tornarão a pedra angular, e na terra se erguerá uma sólida e acolhedora morada comum, onde o amor e a verdade finalmente se encontrarão e a justiça e a paz se beijarão (cf. Sl 85,11)" (MH 16). Ou seja, o caminho de resistência e alternativa a uma forma monopolista e dominadora da IA passa pelos últimos desse mundo. Por projetos populares, pelas resistências dos pequenos grupos e comunidades e pelas alternativas por elas apresentadas. Ainda que não respondam totalmente à complexidade do problema, essas alternativas são uma luz necessária e fiel ao Evangelho.

O papa fala então da necessidade de desarmar a IA, e isso "significa retirá-la dos monopólios, torná-la discutível, contestável e, portanto, habitável, devolvendo-a à pluralidade das culturas humanas e formas de vida" (MH 110). Inclusive, para isso, apela para o princípio da destinação universal dos bens, que é próprio da doutrina social da Igreja. Lembra que, "hoje, entre os bens que se destinam universalmente a todos, devemos contar ainda as novas formas de propriedade: patentes, algoritmos, plataformas digitais, infraestruturas tecnológicas e dados" (MH 67). É preciso, assim, uma democratização do acesso aos benefícios da IA e ao controle dela, pois, "quando um poder desta magnitude se concentra nas mãos de poucos, ele tende a se tornar opaco e a fugir ao controle público, aumentando o risco de um desenvolvimento distorcido que gera novas dependências, exclusões, manipulações e desigualdades" (MH 95).

Nesse sentido é que Leão também denuncia as novas formas de dominação, afirmando que "o colonialismo apresenta, nos nossos dias, um rosto inédito. Não domina apenas os corpos, mas apropria-se dos dados, transformando as vidas pessoais em informações que podem ser exploradas" (MH 178). E, quando se trata do campo bélico, a técnica está sendo usada para maximizar a destruição e exploração, em vez de amenizar os horríveis impactos da guerra. Para o papa, "a IA não retira do conflito a sua intrínseca desumanidade: apenas o torna mais rápido e impessoal, afrouxando os critérios do recurso à violência e transformando a defesa em predição de ameaças, com vítimas reduzidas a dados" (MH 198). O desenvolvimento da IA não pode, portanto, ser conduzido pela lógica do poder, pois ela só contraria os desígnios do Senhor, destruindo a vida de seus filhos e filhas. Nossa posição a partir da fé precisa ser clara: "Ninguém pode servir a dois senhores, pois ou odiará um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e à riqueza" (Mt 6,24).

ISSN 1809-2888
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

3.4 A IA E A CONSTRUÇÃO DA CIVILIZAÇÃO DO AMOR

"Sim, máquinas inteligentes serão cada vez mais capazes de fazer nosso trabalho e atender às nossas necessidades materiais, destruindo indústrias e demitindo trabalhadores", contudo, também é verdade que "resta uma coisa que só seres humanos são capazes de criar e compartilhar uns com os outros: amor... É nesse potencial exclusivamente humano para crescer, sentir compaixão e amar que vejo esperança" (Lee, 2019, p. 235). Precisamos investir no que é verdadeiramente humano para que a IA não seja obstáculo, mas instrumento de humanização. Isso é possível e é esse o caminho necessário. O Papa Leão já apontou para isso ao desejar

> que a presença de Jesus cresça entre nós e o seu Reino tome forma. Na humilde fidelidade de cada dia, também a era da IA pode se tornar uma etapa em que o Espírito faz amadurecer a civilização do amor na nossa vida: o Senhor continua a renovar todas as coisas e mantém aberta, em cada época, a possibilidade de se tornar história de salvação à luz da Encarnação (MH 245).

Leão XIV constata que, diante de desafios como esses, "insinua-se uma sutil tentação: pensar que os problemas são muito grandes e nós muito pequenos; e que, por isso, as nossas escolhas nada alteram. Trata-se de uma forma elegante de rendição, muitas vezes disfarçada de realismo. Claro", diz o papa, "nem todos têm o mesmo poder de incidir sobre a realidade... No entanto, ninguém está isento de responsabilidade" (MH 212). Todos podemos fazer alguma coisa. Inclusive, sobre a civilização da convivência e da paz, lembra que "dela, todos nós somos frequentemente artífices sem o saber e arquitetos descoordenados, capazes de gestos generosos, mas desprovidos duma visão de conjunto" (MH 185). Precisamos então nos organizar e juntar nossas atitudes transformadoras e humanizadoras, sinais e expressão do Reino de Deus, da civilização do amor.

"Neste sentido, a verdadeira alternativa não é entre entusiasmo ou medo, mas entre duas formas de construção: um progresso que serve à pessoa e aos povos, ou um progresso que os submete às lógicas de poder" (MH 129). Por isso, Leão insiste que "a nossa primeira tarefa consiste em não demonizar nem idolatrar os instrumentos, mas em orientá-los a partir de um ponto de referência: a verdade é um bem comum e não propriedade daqueles que detêm poder ou visibilidade" (MH 137). A IA tem um grande potencial e ela mesma é inevitável. Então, que caminhos vamos tomar para que ela ajude a construir um mundo melhor é o ponto fundamental. Para isso, não podemos deixar que as decisões venham das big techs que monopolizam a IA ou mesmo das superpotências como EUA e China, que lideram o desenvolvimento dessa

ISSN 1809-2888
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

tecnologia. As diversas instâncias precisam se envolver. Daí a importância de aplicar também à IA o princípio da subsidiariedade, para que as comunidades, instituições intermediárias e mesmo governos possam incidir nos rumos dessa revolução digital. Assim, "mais ainda na era da IA e da robótica, já não é possível confiar-se apenas à 'mão invisível' do mercado", pois, "a política tem a tarefa de orientar as dinâmicas econômico-tecnológicas para o bem comum, promovendo o trabalho digno, a inclusão social e uma distribuição equitativa dos benefícios da inovação" (MH 163).

Um âmbito da sociedade que será muito afetado pelo desenvolvimento da IA é, sem dúvida, o mundo do trabalho. Âmbito esse que sempre foi muito refletido pela Doutrina Social da Igreja. Com o avanço da quarta onda da IA, ou seja, com a maior automação das máquinas, cada vez mais, certos trabalhos serão reduzidos ou substituídos. Atendentes de caixas, inspetores de linha de produção, motoristas, lavadores de pratos, cozinheiros, tradutores, contadores são só algumas das profissões que têm sérios riscos de ir sendo substituídas. Outras podem contar com o apoio das máquinas, como uma simbiose, como médicos que poderão atuar mais como cirurgiões do que no diagnóstico de doenças, já que o algoritmo é muito melhor que nós para apresentar resultados, mas robôs ainda têm sérias dificuldades com tarefas motoras simples, mais ainda com a complexidade de uma cirurgia. Professores também estão entre os que podem contar num futuro próximo, com IAs como auxiliares.

Contudo, há ainda a extrema necessidade do outro, por isso há coisas que a IA não poderá substituir. Inclusive, "se a IA nos permitir em algum momento realmente nos compreender, não será porque esses algoritmos capturaram a essência mecânica da mente humana", isso não, mas "será porque nos libertaram para esquecer as otimizações e, em vez disso, focar no que de fato nos torna humanos: amar e ser amado" (Lee, 2019, p. 273).

Quando olhamos as propostas para amenizar os danos da IA quanto ao emprego, um dos campos em que ela pode criar o maior caos, vemos medidas ainda insuficientes. Os próprios desenvolvedores da IA pensam em três linhas fundamentais: "Reciclar os trabalhadores, reduzir as horas de trabalho e redistribuir a renda por meio de uma RBU" (Lee, 2019, p. 264). Reciclar significa deslocar aquele trabalhador ou aquela trabalhadora para outro serviço. Isso não pode ser feito com todos e vai demandar uma capacitação para essas outras atividades para as quais foram redirecionados. A redução das horas de trabalho levará ao respectivo corte de salários, reduzindo turnos para empregar mais gente sem aumentar a carga trabalhista. E criar uma RBU, ou seja, uma Renda Básica Universal, pode parecer uma boa ideia a princípio, mas por si só não resolve o problema, pois é a desculpa para os donos da IA continuarem monopolizando a

ISSN 1809-2888
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

técnica, mantendo a consciência e a opinião pública tranquilas, porque já estariam colaborando com os trabalhadores.

Kai-Fu Lee sugere outras três propostas: "O setor privado fomentando criativamente a simbiose homem-máquina", como alguns exemplos acima, "uma nova onda de investimentos de impacto financiando empregos de serviços centrados no ser humano, e o governo preenchendo as lacunas com uma bolsa de investimento social que recompense a assistência, o serviço e a educação" (Lee, 2019, p. 264). Para ele, um caminho é investir financeiramente em serviços que valorizem o que é propriamente humano para destacar as relações numa era em que a frieza das máquinas parece imperar. Ele sugere, inclusive, impostos em cima dos superlucros com a IA.

As propostas são limitadas e talvez só em conjunto com tantas outras poderão surtir algum efeito. O importante é que "a introdução de automação e IA deve ser acompanhada por escolhas verificáveis em matéria de proteção do emprego, requalificação e participação dos trabalhadores, para que a tecnologia se destine a libertar tempo e capacidades humanas, e não a gerar exclusão" (MH 156). Importante é que não fiquemos indiferentes diante desse grande desafio que surge em nosso tempo. É preciso viver a profecia no hoje da nossa história, ou, como disse o papa, "não tenhamos medo de sujar as mãos no 'canteiro de obras' do nosso tempo" (MH 16), afinal, "há situações em que, para permanecermos humanos, temos de abandonar as hesitações e tomar posição. Há conflitos nos quais não é justo permanecer neutros nem é suficiente pensar 'não ser cúmplice'" (MH 216). Precisamos agir e o tempo é agora.

Considerações finais

A IA deve revolucionar nosso modo de lidar com o mundo. Sua influência será inevitável. A questão fundamental é: ela será mais um meio de dominação e enriquecimento por parte de poucos? Ou a oportunidade de melhorarmos as condições de vida de todas as pessoas em harmonia com a criação? Homens e mulheres de fé não podem ficar distantes dessa missão, que é também participação na ação criadora de Deus. O Senhor nos deu inteligência para a usarmos no cumprimento de sua vontade, ou seja, fazendo do mundo um mundo mais justo e fraterno, expressão do seu Reino. Para isso, buscamos alertar ao longo do texto sobre a tentação de fazer da IA mais um ídolo que exige sacrifícios no altar do lucro. Também apresentamos um resumo das reflexões apresentadas pelo Papa Leão XIV na sua Encíclica *Magnifica humanitas* sobre a salvaguarda da pessoa humana na era da IA. Por fim, problematizamos algumas questões sobre a IA com iluminações da encíclica do papa. Esperamos, assim como Leão XIV, que possamos

ISSN 1809-2888
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

nos abrir a ação do Espírito para que esse tempo de IA seja uma oportunidade de fazer o Reino de Deus acontecer, para construirmos a civilização do amor.

Referências

A BÍBLIA. São Paulo: Paulinas, 2023.

BLACK MIRROR. *Criação*: Charlie Brooker. Produção: Annabel Jones e Charlie Brooker. Londres: Zeppotron; House of Tomorrow; Netflix, 2011–presente. Disponível em: netflix.com. Acesso em: 20 ago. 2026.

GATTACA – *A experiência genética*. Direção de Andrew Niccol. Produção de Danny DeVito, Michael Shamberg e Stacey Sher. Estados Unidos: Columbia Pictures, 1997. 1 DVD (106 min.), som, cor.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da vida*. Trad. Gabriel C. Galache; Marcos J. Marcionilo. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1992.

LEÃO XIV, PP. *Carta Encíclica Magnifica humanitas*: sobre a salvaguarda da pessoa humana na era da inteligência artificial (MH). São Paulo: Paulus, 2026.

LEE, Kai-Fu. *Inteligência artificial*: como os robôs estão mudando o mundo, a forma como amamos, nos relacionamos, trabalhamos e vivemos. Trad. Marcelo Barbão. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

SUNG, Jung Mo. *Teologia por transformação social na era da inteligência artificial*. São Paulo: Ideias e Letras, 2026.

Dados do autor

Graduado em Filosofia e Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). Presbítero da Diocese de Limoeiro do Norte-CE.

Recebido em 15/08/2026
Aprovado em 30/08/2026